ISSN: 2358-8829

EMPATIA COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO: CONTRIBUIÇÕES PARA AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

Gilvan da Silva Monteiro[1]
Antonia Adriana Vieira[2]
Cleomar Rodrigues da Silva [3]
Karla Patrícia da Cunha Lima[4]
Brenda Abigail Freire de Jesus Coelho[5]
Camila Campêlo de Sousa[6]

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada por profundas desigualdades sociais, culturais e econômicas que frequentemente geram tensões, intolerâncias e indiferença diante do sofrimento alheio. Nesse contexto, a empatia surge como um valor fundamental para fortalecer a convivência humana, pois envolve a capacidade de compreender sentimentos, perspectivas e experiências do outro, favorecendo relações baseadas no respeito, na escuta e na sensibilidade social.

No campo educacional, a empatia[7] assume papel essencial, uma vez que a escola não se limita à transmissão de conteúdo, mas constitui um espaço de formação humana, onde se constroem valores, identidades e formas de convivência. Promover relações empáticas no ambiente escolar significa reconhecer que o processo de ensino-aprendizagem envolve dimensões cognitivas, emocionais e sociais. Nessa perspectiva, autores como Paulo Freire, Carl Rogers, Daniel Goleman, Edgar Morin e Gardner destacam a importância das dimensões

[1]Mestrando do Curso de Pós-Graduaçã oem Ensino na Educação Básica–PPEEB daUniversidade Federal do Maranhão – UFMA, gilvan.monteiro@discnete.ufma.br
[2]Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica–PPEEB da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, aa.vieira@discente.ufma.br
[3]Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ensino da Educação Básica–PPEEB da Universidade Federal do Maranhão – UFMA,cleomr.rs@discente.ufma.br
[4]Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ensino da Educação Básica–PPEEB da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, karla.pcl@discente.ufma.br
[5] Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica–PPEEB da Universidade Federal do Maranhão – UFMA,brendaabigailfreire64@gmail.com
[6] Professora Orientadora Dra. Camila Campêlo de Sousa do Curso de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica–PPEEB da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, camilacampelo@ufma.br

[7] O termo empatia deriva da palavra grega *"empatheia"*, que significa *"paixão"* ou *"ser muito afetado"*.

socioemocionais e das relações humanas para a construção de ambientes educativos mais significativos e acolhedores.

A partir dessas contribuições teóricas e da experiência docente de mais de duas décadas na educação básica, este estudo busca refletir sobre o papel da empatia como elemento estruturante das relações interpessoais no contexto escolar, analisando suas contribuições para o fortalecimento dos vínculos entre professores, estudantes, famílias e gestores.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza teórico-reflexiva, fundamentada na análise bibliográfica e na reflexão crítica sobre a prática docente na educação básica. A escolha dessa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender a empatia como um fenômeno relacional e educativo que envolve dimensões subjetivas, sociais e culturais, dificilmente apreendidas por métodos exclusivamente quantitativos. Dessa forma, o estudo busca interpretar concepções teóricas e experiências pedagógicas que evidenciam o papel da empatia na construção das relações interpessoais no ambiente escolar.

Do ponto de vista metodológico, a investigação baseia-se na revisão de literatura nas áreas da educação, psicologia e ciências humanas, considerando contribuições de autores como Freire, Rogers, Goleman, Morin e Gardner, cujas reflexões contribuem para compreender as dimensões humanas e socioemocionais do processo educativo. Além da revisão bibliográfica, o estudo incorpora uma dimensão reflexiva baseada na experiência profissional do autor, construída ao longo de mais de duas décadas de atuação como professor na rede pública de ensino, possibilitando o diálogo entre teoria e prática pedagógica.

A análise e interpretação das informações seguiram uma abordagem interpretativa, orientada pela leitura crítica das obras selecionadas e pela identificação de categorias temáticas relacionadas à empatia no contexto educacional, como relações pedagógicas empáticas, escuta ativa, desenvolvimento de competências socioemocionais e construção de ambientes escolares humanizados. Ao confrontar esses referenciais teóricos com situações recorrentes da prática docente, o estudo busca evidenciar como práticas baseadas no diálogo, na escuta e no reconhecimento das emoções podem fortalecer as relações interpessoais e contribuir para a construção de

ambientes educacionais mais democráticos, sensíveis e comprometidos com a formação integral dos estudantes

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da empatia no contexto educacional exige a análise de diferentes contribuições teóricas que discutem as dimensões humanas, emocionais e sociais do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o presente desenvolvimento busca dialogar com perspectivas da educação e da psicologia que evidenciam a importância das relações interpessoais na formação dos sujeitos. A partir das reflexões de autores como Freire (2024), Rogers (2009), Goleman (1995), Morin (2000) e Gardner (1994), busca-se compreender de que maneira a empatia pode contribuir para o fortalecimento das relações interpessoais e para a construção de ambientes escolares mais humanizados, dialógicos e comprometidos com a formação integral dos estudantes.

A empatia, entendida como a capacidade de perceber e compreender os sentimentos e perspectivas do outro, constitui um elemento essencial para a construção de relações humanas baseadas no respeito, no diálogo e na cooperação. No contexto educacional, essa competência assume papel central, pois a escola é um espaço de intensa interação social, onde se formam não apenas conhecimentos acadêmicos, mas também valores e modos de convivência. Nesse sentido, estudos nas áreas da educação e da psicologia apontam que práticas pedagógicas fundamentadas na empatia favorecem ambientes de aprendizagem mais humanizados, inclusivos e colaborativos.

Entre os autores que destacam a dimensão ética e relacional da educação, sobressai o pensamento de Freire (2024), que defende uma prática pedagógica baseada no diálogo, no respeito ao saber do educando e na valorização da experiência humana. Com sua pedagogia autônoma, o autor ressalta que ensinar exige abertura à escuta e compromisso com a dignidade dos estudantes, evidenciando que a empatia constitui um componente essencial de uma educação crítica e emancipadora. Na pedagogia da autonomia o autor fala da necessidade de respeitar os saberes que os alunos já trazem consigo e, reforça, ainda, a importância da escuta ativa e atenta.

Nesse contexto, Freire (2024) enfatiza:

> Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles.

E complementa:

> Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (Freire, 2024, p. 111)

De forma convergente, Rogers (2009), na perspectiva da psicologia humanista, enfatiza que relações educativas fundamentadas na autenticidade, na aceitação e na compreensão empática favorecem ambientes de aprendizagem mais seguros e significativos.

Maturana (2001) traz uma definição sobre a empatia, reforçando que:

> A empatia é a base da interação humana e surge como um processo de reconhecimento mútuo entre seres vivos. Ela não é apenas um sentimento, mas uma forma de estar presente no outro, de compreender suas emoções e intenções sem julgamento. Quando nos empatizamos com alguém, estamos abrindo espaço para a comunicação verdadeira e para a construção de relações autênticas. Na educação, a empatia é fundamental, pois permite que o professor se coloque na posição do aluno, entendendo seus processos de aprendizagem e suas necessidades emocionais. A empatia, portanto, não é apenas uma qualidade pessoal, mas uma prática essencial para a formação humana e para a criação de ambientes educativos acolhedores e transformadores. (Maturana, 2001, p.157-158).

Essa discussão é ampliada pelas contribuições de Goleman (1995), que destaca a empatia como uma das competências centrais da inteligência emocional, fundamental para o desenvolvimento de relações sociais equilibradas e para a mediação de conflitos no ambiente escolar.

Nesse sentido, Goleman (1998) corrobora:

> A inteligência emocional, que inclui a empatia, é um dos pilares para uma educação eficaz. A empatia permite ao professor compreender as emoções e necessidades dos alunos, o que é fundamental para criar um ambiente de aprendizagem acolhedor e produtivo. Quando os professores demonstram empatia, eles criam um vínculo emocional com seus estudantes, o que aumenta a motivação e o engajamento. A empatia também ajuda a prevenir conflitos e a resolver problemas de forma mais equilibrada. Nesse sentido, a empatia não é apenas uma qualidade pessoal, mas uma competência essencial para a prática docente. O desenvolvimento dessa competência é parte central da formação dos

> profissionais da educação, pois ela contribui diretamente para a qualidade das relações interpessoais e para a construção de uma escola mais humana. (Goleman, 1998, p.167-168).

De maneira complementar, Morin (2000) defende que a educação deve considerar a condição humana em sua totalidade, integrando dimensões cognitivas, afetivas e éticas. Essa compreensão amplia o debate sobre as habilidades humanas necessárias à convivência e abre caminho para reflexões como as propostas por Gardner (1994), que destaca a importância das inteligências interpessoal e intrapessoal para a compreensão de si mesmo e do outro no processo educativo.

Ao desenvolver a teoria das inteligências múltiplas, amplia a compreensão tradicional de inteligência ao reconhecer diferentes formas de expressão das capacidades humanas. Entre essas dimensões, destaca-se a inteligência interpessoal, definida como a habilidade de compreender as intenções, motivações e emoções de outras pessoas, favorecendo relações sociais mais equilibradas e cooperativas. No contexto escolar, o reconhecimento dessa dimensão implica valorizar práticas pedagógicas que estimulem o diálogo, o trabalho colaborativo e o respeito às diferenças individuais, contribuindo para o desenvolvimento de relações empáticas entre alunos e professores.

Figura 1: Diagrama representativo das oito dimensões da inteligência segundo Howard Gardner.



Fonte: Desenvolvido pelo autor, com auxílio da IA e baseado nas concepções das múltiplas inteligências de Gardner (1994).

O diagrama apresenta uma síntese visual das oito dimensões da inteligência propostas por Howard Gardner, rompendo com a visão tradicional de uma capacidade cognitiva única e geral. Cada quadrante ilustra como o potencial humano se manifesta em domínios específicos - desde as habilidades estruturais da linguagem e do raciocínio

lógico até as competências socioemocionais (interpessoal e intrapessoal) e a sensibilidade ao mundo natural. Ao centralizar a figura humana rodeada por ícones representativos de diferentes áreas do saber, como a música, o esporte e a observação da fauna, o esquema evidencia que a inteligência é um perfil de competências variado, onde cada indivíduo apresenta diferentes níveis de desenvolvimento em cada canal de processamento de informação.

Dessa forma, as contribuições de Gardner e dos demais autores citados, convergem para a compreensão de que a empatia não se limita a uma qualidade individual, mas constitui um princípio ético e pedagógico fundamental para a construção de ambientes educacionais mais democráticos, inclusivos e humanizados. Ao articular dimensões cognitivas, emocionais e sociais do processo educativo, a empatia fortalece os vínculos entre os sujeitos da comunidade escolar e amplia as possibilidades de uma educação comprometida com a formação integral do ser humano.

3.1 A empatia nas relações da comunidade escolar

A empatia, entendida como a capacidade de reconhecer e compreender os sentimentos e perspectivas do outro, constitui um elemento essencial para o fortalecimento das relações interpessoais no ambiente escolar. Em um espaço marcado pela diversidade de experiências, valores e trajetórias de vida, a construção de relações baseadas na escuta, no respeito e no diálogo torna-se fundamental para uma convivência saudável e para uma educação humanizadora. Nesse contexto, a empatia deve ser compreendida não apenas como uma habilidade individual, mas como um princípio ético que orienta as interações entre todos os membros da comunidade escolar.

No cotidiano da escola, a empatia manifesta-se especialmente nas relações entre professores e alunos e nas interações entre os próprios estudantes. Quando o educador se dispõe a ouvir seus alunos, reconhecer suas dificuldades e valorizar suas potencialidades, cria-se um ambiente de confiança que favorece a aprendizagem, perspectiva defendida por Freire (1996) ao enfatizar o diálogo e o respeito ao saber do educando. Da mesma forma, práticas pedagógicas como rodas de conversa, trabalhos colaborativos e mediação de conflitos estimulam nos estudantes a compreensão do outro, fortalecendo atitudes de cooperação, respeito às diferenças e resolução pacífica de conflitos.

ISSN: 2358-8829

Para Freire (2024), a empatia é um ato de compreensão que vai além da simples simpatia. Ela envolve o reconhecimento das diferenças, a escuta ativa e a aceitação das emoções do outro. No ambiente escolar, a empatia é fundamental para a construção de relações democráticas, onde os alunos se sentem respeitados e ouvidos. Quando o professor pratica a empatia, ele não apenas ensina conteúdos, mas também promove um clima de confiança que favorece a aprendizagem. A empatia é, portanto, uma forma de educar com humanidade, reconhecendo o aluno como sujeito de seu próprio processo de conhecimento. Isso significa que a empatia não pode ser vista apenas como uma habilidade emocional, mas como uma prática pedagógica essencial para a formação integral do ser humano.

A empatia também é fundamental nas relações entre escola e família e entre os próprios profissionais da educação. Uma postura sensível por parte dos educadores permite compreender melhor os contextos sociais dos estudantes, favorecendo um diálogo mais respeitoso com as famílias e fortalecendo redes de apoio. Além disso, quando gestores, professores e demais profissionais cultivam relações baseadas na escuta e na cooperação, contribuem para a construção de um clima institucional mais democrático e participativo, reafirmando a empatia como elemento estruturante para uma educação comprometida com a formação integral dos sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora a empatia contribua significativamente para a qualidade das relações no ambiente escolar, sua prática também apresenta desafios no cotidiano educativo. Um dos principais refere-se à necessidade de equilibrar a compreensão emocional com a manutenção de normas pedagógicas e institucionais. Quando mal compreendida, a empatia pode ser confundida com permissividade, comprometendo a organização do ambiente escolar e a clareza dos limites necessários ao processo educativo.

Outro fator relevante está relacionado às condições estruturais do trabalho docente. Jornadas intensas, turmas numerosas e múltiplas demandas institucionais podem dificultar a prática constante da empatia no cotidiano escolar. Além disso, a ausência de apoio institucional e de espaços de escuta para os educadores tende a gerar sobrecarga emocional, reduzindo as condições necessárias para a construção de relações pedagógicas mais sensíveis e equilibradas.

Também é importante considerar que a empatia envolve competências socioemocionais que nem sempre são desenvolvidas de forma sistemática na formação docente. Conforme destaca Rogers (2009), a compreensão empática é uma habilidade que precisa ser cultivada em ambientes que valorizem a escuta, a autenticidade e o respeito às experiências humanas. Por isso, o fortalecimento da empatia na escola depende não apenas da disposição individual dos educadores, mas também de condições institucionais, formativas e de cuidado com a saúde emocional dos profissionais da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A promoção da empatia na escola configura-se como um compromisso ético e político incontornável para a efetivação de uma formação verdadeiramente integral dos sujeitos. Mais do que uma estratégia pedagógica pontual, a empatia se estabelece como um princípio estruturante que ressignifica o ambiente escolar, transformando-o em um espaço de escuta ativa, acolhimento sensível e respeito mútuo. Nesse horizonte, a aprendizagem significativa não se reduz à assimilação de conteúdos, mas se fortalece na medida em que se ancora em relações humanas mais dialógicas, solidárias e comprometidas com o desenvolvimento pleno dos estudantes em suas dimensões cognitiva, emocional e social.

Ao longo da reflexão, torna-se evidente que a empatia ocupa um papel central na tessitura das relações interpessoais, deslocando a função da escola para além da lógica tradicional de transmissão de conhecimentos. Sob uma perspectiva humanizadora, a prática educativa passa a reconhecer os educandos como sujeitos históricos e sociais, portadores de experiências, saberes e afetividades que precisam ser considerados no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, o ato educativo adquire novos sentidos, fundamentando-se no diálogo autêntico, na valorização da dignidade humana e na construção coletiva do conhecimento, em consonância com uma educação comprometida com a emancipação dos sujeitos.

As contribuições teóricas analisadas convergem ao evidenciar a indissociabilidade entre cognição, emoção e relações sociais no contexto educacional. Os autores citados ao longo do texto, reforçam que ambientes educativos pautados na

confiança, no respeito à diversidade e no desenvolvimento das competências socioemocionais são fundamentais para a formação de indivíduos mais equilibrados, conscientes e capazes de conviver com as diferenças. Nesse sentido, a empatia emerge como um eixo integrador das práticas pedagógicas, permitindo reconhecer a complexidade do ser humano e orientando ações educativas mais sensíveis às múltiplas realidades presentes no espaço escolar.

Conclui-se, portanto, que a incorporação intencional e sistemática da empatia nas práticas escolares potencializa não apenas a qualidade das relações humanas, mas também os próprios processos de ensino e aprendizagem. Uma escola que valoriza a escuta, o diálogo e a compreensão do outro contribui significativamente para a formação de sujeitos críticos, solidários e comprometidos com a transformação social. Assim, construir uma escola empática é, ao mesmo tempo, construir uma escola mais democrática, inclusiva e humana — um espaço em que todos se sintam reconhecidos em sua inteireza e no qual o processo educativo se concretize como prática de cuidado, de convivência e de transformação da realidade social.

Palavras-chave: Empatia; Relações interpessoais; Educação; Comunidade Escolar; Formação.

REFERÊNCIAS

Enz, N., & Zoll, N. (2006). **Cultural differences in empathy between China, Germany and the UK.** Recuperado em 23 de novembro de 2006, de www.nicve.salford.ac.uk/elvis/ resources/empathy

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2024.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente:** a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 1994.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOLEMAN, Daniel**. Inteligência Emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1998, p. 167-168.

MATURANA, Humberto. **Autopoiese e Cognição:** A Realidade das Ciências. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 157-158.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2000.

ISSN: 2358-8829

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROGERS, Carl. **Terapia e Crescimento Pessoal**. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 210-211.